



Por Kamilla Fernandes  
Editora do Culturart.co.uk

**N**as mãos do cineasta José Padilha e 17 anos depois do seu lançamento original, um novo RoboCop ocupa as telas. O clássico de ficção científica da década de 1980 - dirigido por Paul Verhoeven - volta com o objetivo de alcançar recordes de vendas como fez a sua versão original, mas desta vez, dirigido por um brasileiro. O filme teve seu lançamento mundial no dia 12 de fevereiro e gira em torno de um personagem que já é familiar a todos: o policial Alex Murphy, que depois de um acidente é transformado em um cyborg pela empresa de tecnologia Omni Corp e passa a defender a decadente e corrupta cidade de Detroit.

Com algumas diferenças e adaptações no roteiro, o remake de Padilha mantém o fio do condutor da trama, mas logo nos primeiros minutos de filme toda a visão política e social do diretor vem à tona, e a sua forma tão particular de retratar a violência fica evidente, principalmente para os brasileiros que conhecem tão bem a realidade de "Tropa de Elite".

#### Filme brasileiro

Quando perguntado sobre se considera

# Um filme brasileiro de 140

o seu remake de RoboCop um filme brasileiro ou norte-americano, José Padilha sorri ao dizer que ele é "um filme brasileiro de 140 milhões de dólares". O diretor conta que já havia trabalhado fora do país antes, no documentário "Segredos da Tribo", que foi filmado na Venezuela e nos Estados Unidos. Mas revela que não existe tanta diferença em se filmar fora do Brasil, já que no fundo, "um set de filmagem é um set de filmagem".

"Se você consegue isolar o set das outras coisas extracampo, é a mesma lógica, a mesma maneira de pensar. Você tem as mesmas lentes, os mesmos equipamentos e você tem que trabalhar com os atores e com a história que você tem", diz Padilha.

Para ele, a grande diferença é quando se trata dos recursos financeiros, que por sua vez também impactam na relação do cineasta com o estúdio e os interesses comerciais relativos a qualquer produção cinematográfica. Padilha diz que concorda que cinema "tem mesmo que dar lucro", mas que isso pode muitas vezes gerar uma tensão entre o filme que você quer fazer o filme que o estúdio quer vender.

"A diferença maior é que no Brasil os filmes são independentes, para bem e para mal. Para bem porque você tem controle total do que você está fazendo. Você escreve, produz, dirige, e até lança

até se você quiser. Para mal é que é muito difícil financiar um filme e nem sempre você tem os recursos que você precisa para fazer o que você quer", conta o diretor.

Mas em RoboCop, Padilha disse que não teve grandes problemas com o estúdio, já que assim como nos dois "Tropas de Elite", ele tinha como objetivo fazer com que o longa atingisse o maior público possível, porém sem perder o comentário social dentro do filme. Desta forma, ele estava atendendo as expectativas da MGM, mas mesmo assim houveram debates já que esta "é uma relação que tende a ser conflituosa", conta.

Além de Padilha, a equipe contou com outros brasileiros na equipe já conhecidos do público, principalmente por seus trabalhos nos dois "Tropas de Elite". São eles Lula Carvalho, que foi o diretor de fotografia, Daniel Nascimento, como um dos montadores, e Pedro Bromfman, que atuou como compositor do filme.

Automatização da violência  
Sua grande vantagem com este filme, segundo o próprio Padilha, é que o RoboCop já não é o personagem convencional dos filmes de super-heróis norte-americanos. E realmente, o filme passou

longe de um blockbuster de super-herói ou de um filme puro de ação, com um roteiro dramático e cheio de discussões pertinentes sobre imperialismo e violência.

Segundo Padilha, um filme normal de super-heróis se segue sempre a premissa de usar um ator carismático e fazer cenas bacanas de ação para que todos queiram assistir, já que no fim das contas, eles vão querer ser o herói. Já com RoboCop a história é bem diferente.

"Você quer ser o Homem-Aranha, as crianças querem ser o Homem de Ferro. O RoboCop não, nem o Alex Murphy quer. Ninguém quer ser o RoboCop, é um drama ser ele. Então a própria natureza do personagem já faz o filme ficar diferente para o estúdio.", conta.

O fato de discutir a mecanização e automatização da violência torna o policial robô um personagem político por definição, por isso o diretor disse que se não acabasse fazendo um filme político, o resultado seria muito ruim. E além de tratar da



# milhões de dólares



do exército e substituição dos soldados por máquinas, quando acontecer, o maior impacto vai depender do que os EUA vai fazer, não tem como escapar disso," diz o cineasta.

**RoboCop vs. Capitão Nascimento**

Padilha vê Tropa de Elite e RoboCop como filmes muito diferentes, mas é impossível assistir ao filme sem fazer relações entre as duas histórias. O que ele cita que existe em comum entre os dois é a questão do treinamento dos policiais, já que é neste momento, quando o estado requer de profissionais que façam uso da violência extrema, que ele passa a "desumanizar as pessoas e tirar delas a capacidade de pensar criticamente sobre o que elas vão fazer." Mas ele diz que isso não é algo nada exclusivo dos seus filmes, e cita como exemplo "Nascido Para Matar", que retrata esta mesma situação.

"Desumanizar é mecanizar, é transformar em máquina. Então essa ideia que tem lá no primeiro 'Tropa de Elite', em que o Nascimento fala 'Se você pensa que o BOPE é uma seita, é isso mesmo é uma seita. Uma seita no sentido de que uma vez que você compra aquilo, você não pensa mais sobre aquilo,' diz Padilha.

E para ele existe um grande perigo

em se mecanizar a violência já que as máquinas não criticam o que estão fazendo e apenas agem: "Isso abre a porta para o fascismo, que é o conceito do personagem RoboCop, e ele tá embutido no Tropa de Elite de alguma maneira."

Mas apesar destas semelhanças, ele insiste que os protagonistas são muito diferentes um do outro. Enquanto RoboCop é um personagem universal de ficção científica que faz uma metáfora a desumanização ou não das forças da lei, o Nascimento é um personagem carioca, pressionado por forças sociais que coloca seus valores em cheque por causa de todo o contexto em que está inserido.

## Construção do remake

A ideia do filme surgiu em uma reunião de Padilha com a MGM, na qual o estúdio propôs a ele vários filmes que ele não ficou interessado em fazer. "Mas atrás dos executivos tinha um pôster do RoboCop, e eu ficava olhando para o pôster e pensando 'esse eu quero fazer', diz. Então no final da reunião ele questionou os executivos sobre os direitos do RoboCop e como Darren Aronofsky havia abandonado o projeto do remake há anos, ele explicou qual era a sua ideia para o

longa.

"Dois dias depois o meu agente me ligou e disse 'Não sei o que você arrumou lá, mas eles querem fazer o RoboCop.' E apesar de trabalhar com o remake de um filme tão aclamado e com tantos fãs, Padilha que não sentiu pressão nenhuma em relação a isso.

O começo do roteiro foi desenvolvido no Brasil, mas o restante do processo que levou no total sete meses, aconteceu nos Estados Unidos. Padilha conta que o roteiro só ficou pronto dias semanas depois do começo do ensaio com os atores, já que muita coisa foi adaptada depois disso.

"O primeiro ator a ser selecionado foi o Joel Kinnaman. A gente fez várias audições com vários atores, e ele foi incrível. Porque o nosso RoboCop tem um drama existencial muito grande. Ele acorda e descobre que é um robô, e depois quer morrer, ele não sabe como ele vai se relacionar com as pessoas. O personagem tem um arco dramático muito grande, e para isso você precisa de um grande ator, não basta ser uma estrela," diz Padilha.

Ele continua contando que em seguida foi diretamente atrás de Gary Oldman para o Dr. Norton, e em seguida vieram Samuel L. Jackson e Michael Keaton. Para a esposa de Alex

Murphy, muitas atrizes fizeram testes e Abbie Cornish foi escolhida. Mas o mais difícil para Padilha foi encontrar o ator para o papel de David Murphy, o filho de RoboCop: "É muito difícil encontrar uma criança que seja tão sutil quanto ele [John Paul Ruttan]. A gente achou ele no último dia, durante os ensaios."

## De volta ao Brasil?

Sobre seus próximos projetos Padilha contou que tem uma série de planos no Brasil, como um roteiro sobre Rickson Gracie, um sobre a Tríplice Fronteira, um sobre o mensalão e um documentário sobre os desaparecidos no Rio de Janeiro que ele ainda está pesquisando: "A cada ano desaparecem 5 mil pessoas no Rio de Janeiro, é muita gente, como é que é isso? Isso é erro de estatística? Isso é verdade?"

Além disso, o Netflix está preparando para estrear ainda este ano uma série de 13 episódios chamada Narco e dirigida por Padilha. A série vai contar a história do chefe do cartel colombiano de Medellín, Pablo Escobar, que se tornou um dos homens mais ricos do mundo devido ao tráfico de cocaína.

violência, a relação imperialista norte-americana em relação aos outros países também é colocada em questão.

Padilha ameniza um pouco a crítica feita no filme, dizendo que este nacionalismo ufano que vemos nos norte-americanos existe também no Brasil e em outros países, mas assume que devido ao seu grande poder, as decisões que os EUA tomarem no futuro, quando a realidade dos cyborgs estiver mais próxima, vão ser determinantes para o resto do mundo.

"Os EUA tem um grande poder, é uma nação poderosa que vez ou outra invade outros países e tudo mais, o que o Brasil por exemplo não faz. O que os EUA faz e como faz, em termos de política internacional é muito importante e relevante. E essa questão do uso de drones e da automatização